

Avaliação do conhecimento sobre os contraceptivos orais entre as universitárias

Thais Baptistella FELIPE¹

Patrícia Teatin JULIATO²

Samir Antonio Rodrigues ABJAUDE³

Nicole Rodrigues da SILVA¹

Ricardo Radighieri RASCADO^{4*}

¹Acadêmicas da Faculdade de Ciências Farmacêuticas. Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais. Brasil. E-mail: thaisfelipe@hotmail.com; nikarodrigues963@hotmail.com.

²Mestranda em Biociências e tecnologia de produtos Bioativos. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. Brasil. E-mail: patriciajuliato@gmail.com

³Mestrando da Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Araraquara. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo. Brasil. E-mail: samirabjaude@hotmail.com

⁴Doutor Professor de Atenção Farmacêutica da Faculdade de Ciências Farmacêuticas. Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais. Brasil. E-mail: ricardounifal@gmail.com

* **AUTOR CORRESPONDENTE:** Dr. Ricardo Radighieri Rascado

Endereço: Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG, Campus Alfenas, Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700, 37130-000. Alfenas-MG, Brasil. E-mail: ricardounifal@gmail.com

Recebido em: 13/05/2013 - Aprovado em: 11/07/2013 - Disponibilizado em: 15/08/2013

RESUMO

As técnicas usadas para o controle de natalidade avançaram consideravelmente nos últimos anos, devido o avanço da medicina e, hoje, existem muitos tipos de anticoncepcionais à base de hormônios disponíveis no mercado brasileiro que podem eventualmente gerar muitas dúvidas em relação a sua utilização. A análise do conhecimento sobre métodos anticoncepcionais, na maioria dos estudos disponíveis é feita de maneira muito subjetiva e isso pode produzir uma interpretação não verdadeira do grau de conhecimento sobre prevenção de gravidez. Este estudo teve como objetivo analisar a diferença de conhecimento e atitude das universitárias das áreas da saúde, exatas e humanas sobre as indicações e contra-indicações dos contraceptivos orais. Além disso, pretendeu analisar se houve um aumento no conhecimento durante o curso de graduação, comparando as alunas do primeiro e do último período das áreas citadas. Tratou-se de um estudo observacional, transversal, descritivo e foi utilizado um questionário semiestruturado autoaplicável. O estudo foi aprovado com o número do processo 088/2010 no Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFAL-MG e teve duração de agosto de 2010 a julho de 2011. Foram analisados 302 questionários respondidos por acadêmicas da UNIFAL-MG. Em relação às acadêmicas entrevistadas, 49,3% fazem uso de anticoncepcional oral. No entanto, não houve uma diferença considerável entre as diferentes áreas e nem entre os períodos. Demonstrando que apesar das universitárias apresentarem melhores condições de vivenciar a sexualidade de forma mais segura e sem riscos a sua saúde, o segmento mais escolarizado também se depara com inconsistências no uso de métodos contraceptivos orais.

Palavras-chave: Anticoncepcionais. Conhecimento. Toxicidade de Drogas. Farmacovigilância. Saúde da Mulher.

ABSTRACT

The techniques used for birth control have advanced considerably in recent years due to advances in medicine, and today there are many types of hormone-based contraceptives available in the market that can generate many questions about its use. The analysis of knowledge of contraceptive methods, in most studies is made available in a very subjective and it cannot produce a true interpretation of the degree of knowledge about pregnancy prevention. This study aimed to analyze the difference in knowledge and attitude of the university in the areas of health, human and exact about the indications and contraindications of oral contraceptives. Furthermore, we intended to examine whether there was an increase in knowledge during the undergraduate course, comparing the students of the first and last period of the areas mentioned. This was an observational, cross-sectional, descriptive and used a self-administered semi-structured questionnaire. The study was approved with the case number 088/2010 on Ethics in Research UNIFAL-MG and lasted from August 2010 to July 2011. We analyzed 302 questionnaires completed by the academic UNIFAL-MG. Regarding academic respondents, 49.3% use of oral contraceptives. However, there was a considerable difference between different areas and between both periods. Demonstrating that despite the university have better conditions of

living sexuality more safely and without risks to their health, the more educated segment is also faced with inconsistencies in the use of oral contraceptives.

Keywords: Contraceptive Agents. Knowledge. Drug Toxicity. Pharmacovigilance. Women's Health.

INTRODUÇÃO

O Planejamento Familiar que consta na Constituição Federal e na Lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996, permitiu que as pessoas decidissem quantos filhos gostariam de ter, quando desejariam e em qual momento da vida do casal isso deveria acontecer, além disso, esse planejamento deu o direito ao casal de possuir informações de como ter filhos ou de como prevenir uma gravidez indesejada (BRASIL, 2006 citado por SEABRA et al., 2012).

Nos últimos 10 anos verificaram-se que as mulheres estão começando sua vida sexual cada vez mais cedo, e o mesmo sucedendo com a prática contraceptiva (FRANCO et al., 2008). No entanto, se esta contracepção fosse feita de forma incorreta poderia levar a danos a saúde da mulher como abortamento da criança ou até o óbito da gestante (SOUZA et al., 2006 citado por SEABRA, et al., 2012).

Os contraceptivos orais (CO) representaram o método reversível com maior utilização em um estudo nos Estados Unidos. Ainda assim, houve cerca de setecentos e

cinquenta mil gestações não planejadas, pressupondo que o uso incorreto do contraceptivo levou a inefetividade deste método (HENSHAW citado por TRUSSELL, VAUGHAN, 1999).

Segundo Martins e colaboradores (2006), após analisarem vários estudos sobre conhecimento de CO, verificaram que os estudos eram muitos subjetivos, não acrescentando a indicação, a contraindicação, o modo de administração e o efeito colateral do CO. Isso poderia causar uma interpretação equivocada do nível de conhecimento sobre os métodos preventivos da gravidez na adolescência, levando a uma análise tendenciosa no conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais.

Diante disso, o presente projeto pretendeu comparar a atitude e o conhecimento sobre os contraceptivos orais entre as estudantes dos diferentes cursos e períodos da Universidade Federal de Alfenas-MG.

CAUSÍSTICA E MÉTODOS

Tipo de estudo – Tratou-se de um estudo observacional, não analítico, transversal, descritivo, que analisou o perfil farmacoepidemiológico das universitárias

usuárias de CO e prevalência de atitude e conhecimento sobre os contraceptivos orais entre as universitárias das diferentes áreas e períodos da graduação.

Local do estudo – O estudo foi desenvolvido na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), campus Alfenas.

População e Amostra– A UNIFAL-MG contava em 2010 com aproximadamente 2.716 discentes no campus de Alfenas-MG, dentre os quais a população feminina de discentes era 1.779, distribuídos entre os cursos. Foram selecionados apenas discentes do sexo feminino do primeiro e último período dos cursos de graduação da UNIFAL-MG e utilizou como critério de exclusão a recusa de participar do estudo. A partir disso, foi calculado o tamanho amostral segundo o tamanho populacional, considerando o total de acadêmicas da instituição. Portanto, a amostra necessária para ter 95% de confiança, e 0,05% de erro era de no mínimo 316 alunas. A amostra foi constituída de alunas do primeiro e do último período, divididas em três grupos: área da saúde (alunas de farmácia, ciências biológicas, nutrição e odontologia), área de exatas (alunas de química, matemática, física e biotecnologia) e área de humanas (alunas de história, letras, pedagogia e geografia).

Período de estudo – O período de coleta ocorreu entre os meses de agosto a dezembro de 2010, mas o estudo teve duração de um ano, finalizando em julho de 2011.

Instrumentos e técnicas de pesquisa – Inicialmente foi realizado um estudo piloto com acadêmicas do primeiro e o último período de um curso a fim de validar o questionário. Após isso, as acadêmicas foram

abordadas dentro das salas de aula, informadas sobre a pesquisa e questionadas sobre o interesse em responder o questionário semiestruturado autoaplicável, que investigava o perfil farmacoepidemiológico e conhecimento e atitude sobre contraceptivo oral. O questionário era composto de perguntas objetivas dividido em duas partes. Sendo a primeira parte com perguntas para caracterizar a amostra, como idade, número de filhos, curso de graduação, uso de contraceptivo oral, motivo do uso, suspensão do medicamento, métodos contraceptivos, hábito de fumar, patologias, quem indicou o anticoncepcional, adesão ao medicamento, métodos para lembrar e o nome do contraceptivo oral que utilizava. A segunda parte do questionário eram perguntas baseadas nas bulas dos anticoncepcionais para avaliar o conhecimento sobre estes medicamentos: se o anticoncepcional engorda; se poderia causar dificuldade de engravidar; se é necessário proporcionar um descanso entre as cartelas; quais seriam as classes de medicamentos que poderiam interferir na ação de alguns contraceptivos orais; se haveria efetividade do contraceptivo oral se ocorresse vômito ou diarreia; e detectar as suspeitas de possíveis eventos adversos ao CO.

Aspectos éticos - O estudo foi aprovação com o número do processo 088/2010 no Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFAL-MG. As acadêmicas foram informadas anteriormente da participação

voluntária e aquelas que aceitassem em participar do estudo assinaram o termo de

RESULTADOS

Foram analisados 302 questionários, sendo 136 na área da saúde, 75 na área das ciências exatas e 91 na área das ciências humanas. O número de questionários aplicados foi inferior ao obtido pela amostragem devido ao baixo número de universitárias que cursavam a área de humanas e de exatas.

A idade de 17 a 20 anos foi predominante entre as universitárias correspondendo 48,3%, seguida de 37,1% pelas universitárias de 21 a 25 anos e por último 14,6% possuíam acima de 25 anos. Sendo que 90,7% delas não possuíam filhos.

Cerca de 49,3% (n=149) das acadêmicas tomavam a pílula anticoncepcional e apenas 24,2% nunca utilizaram esse método contraceptivo. Em relação ao tempo de uso do CO, 24,2% usavam a menos de um ano; 37,6% de um a três anos; 22,1% entre três a cinco; 13,4% entre cinco a dez anos e apenas 2,7% usavam a mais de 10 anos.

Entre as universitárias que nunca tomaram pílula anticoncepcional e as que pararam de tomar representam 50,7% (n=153), estas relataram que o motivo mais frequente foi que não vivenciaram uma vida sexual 41,7% (n= 63), 15,2% (n= 23) utilizavam outro método e 11,9% (n= 18) relataram sofrerem de reações adversas ao

consentimento livre e esclarecido (TCLE).

anticoncepcional. Sobre a indicação do contraceptivo oral 93,9% das acadêmicas responderam que a prescrição do método contraceptivo foi feito pelo médico.

O principal motivo que levava as universitárias a utilizarem a pílula contraceptiva oral era o de evitar a gravidez 31,8% (n=99). Seguido pelo motivo de regular o ciclo menstrual 26,4%, evitar tensão pré-menstrual e cólica 18,0%, tratamento de ovário policístico 12,9%, e por último o tratamento de acnes 11%. Dentro o grupo das acadêmicas que utilizavam o CO, pode perceber que 31,7% não utilizavam outro método e 16,8% às vezes utilizava outro método, como o método de barreira.

Ao traçar o perfil das universitárias que utilizavam o CO notou-se que 16,1% apresentavam varizes; apenas 6,0% das universitárias fumavam; 2,0% apresentavam problemas cardiovasculares e 6,0% problemas renais. A maioria possuía hábitos saudáveis, como o de não fumar, e também não apresentavam doenças crônicas como hipertensão arterial, diabetes mellitus, varizes, problemas renais e doenças cardiovasculares.

Quanto a pontualidade no horário de tomar os comprimidos 81,2% (n=121) das entrevistadas responderam que tomavam o CO no mesmo horário todos os dias, sendo

que 34,9% (n=52) utilizavam o despertador para lembrar.

Ao serem questionadas sobre quantos comprimidos esqueciam de tomar por cartela, 28,8% (n=43) esqueciam no máximo um comprimido, 12,7% dois comprimidos e 2,7% esqueciam de três a cinco comprimidos.

Quando questionado as universitárias sobre a confiança no método CO, observou que na área de saúde a média foi 42,2% das universitárias confiavam no contraceptivo oral; na área de humanas a média foi 38,0%; e na área de exatas a média foi 31,0%. Além disso, constatou uma maior diferença na variação de confiança neste método pelas acadêmicas da área de saúde, variando de 25,6% nos primeiros períodos para 58,7% nos últimos períodos.

A segunda parte do questionário teve como objetivo verificar se havia diferenças no nível de conhecimento sobre anticoncepcional oral entre as alunas dos cursos da área de saúde, humanas e exatas e também se havia um aumento no conhecimento sobre o assunto durante o curso de graduação, comparando as alunas do primeiro e do último período de cada área.

Considerando apenas as respostas corretas para as questões 1, 2, 3, 4 e 5

comparamos, na Tabela 1, as diferenças entre as respostas das acadêmicas das áreas de saúde, humanas e exatas, e também por períodos.

O estudo identificou 178 relatos de possíveis eventos adversos aos contraceptivos orais apresentados pelas acadêmicas usuárias destes medicamentos, sendo que 26,4% de inchaço, 24,7% de enxaqueca, 23,6% de náuseas, 12,4% de aumento de peso, 5,6% de perda do libido, 3,9% de secreção mamária e 3,4% de manchas escuras no rosto.

Entre os contraceptivos orais mais utilizados destacam-se os que são compostos por acetato de ciproterona (2mg) e etinilestradiol (0,035mg), correspondendo a 29,0%. Dentro deste grupo o medicamento mais relatado foi o Diane[®] 35 do laboratório Bayer S.A. com 59,5%.

Notou-se que o uso de minipílulas ainda não era convencional entre as universitárias, representado somente 0,7%.

Tabela 1 – Conhecimento das acadêmicas sobre os contraceptivos orais. Alfenas - MG, 2010.

PERGUNTAS	ÁREA	Primeiro Período	Último Período	Média Geral
		Não (%)	Não (%)	(%)
1. Você acredita que o anticoncepcional oral engorda?	Saúde	69,2	71,7	70,5
	Humanas	73,9	82,4	78,1
	Exatas	75,0	73,3	74,2
2. Em sua opinião o uso da pílula pode causar alguma dificuldade para engravidar?		Não (%)	Não (%)	(%)
	Saúde	71,8	52,2	62,0
	Humanas	65,2	88,2	76,7
	Exatas	64,3	73,3	68,8
3. Em sua opinião é necessário proporcionar um descanso da pílula ao seu organismo?		Não (%)	Não (%)	(%)
	Saúde	56,4	54,3	55,4
	Humanas	56,5	58,8	57,7
	Exatas	46,4	33,3	39,9
4. Quando você tem vômitos ou diarreia, você acha que a efetividade do anticoncepcional diminui?		Sim (%)	Sim (%)	(%)
	Saúde	53,8	65,2	59,5
	Humanas	17,4	52,9	35,2
	Exatas	39,3	53,3	46,3
5. Assinale quais classes de medicamentos (antibióticos, analgésicos, anticonvulsivantes, antifúngicos e laxantes) podem interferir na ação de alguns contraceptivos orais.		Todas as alternativas (%)	Todas as alternativas (%)	(%)
	Saúde	18,6	19,8	19,2
	Humanas	20,0	20,0	20,0
	Exatas	19,8	20,0	19,9
Média de respostas CORRETAS (%)		Primeiro Período	Último Período	Média Geral
	Saúde	54,0	52,6	53,3
	Humanas	46,6	60,5	53,5
	Exatas	49,0	50,6	49,8

Fonte: os autores

DISCUSSÃO

A prevalência de uso dos métodos anticoncepcionais nos dias atuais é cada vez mais alta. Estudo feito com adolescentes mostrou que 75% das entrevistas utilizavam algum método anticoncepcional (DUARTE et al., 2011). Em outro estudo foi constatado que 36,7% utilizavam o método anticoncepcional oral, e 26,7% utilizavam o método anticoncepcional oral associado ao preservativo masculino (PENAFORTE, et al., 2010). Fato que se confirma neste trabalho.

Ainda hoje, as usuárias dos CO utilizam em maior quantidade justamente para evitarem uma gravidez indesejada, mas também observado que o uso desses medicamentos foram utilizados para regulação do ciclo menstrual e para o tratamento de acnes. Fato que também foi evidenciado por outro trabalho que cita um CO, que além de evitar a gravidez e regular o ciclo hormonal também diminui a intensidade do fluxo menstrual e trata acne moderada e

distúrbios de humor relacionados ao ciclo menstrual (NUCCI, 2012).

Quanto aos cuidados sobre a possível efetividade da pílula observou-se que as acadêmicas possuem cuidados quanto ao modo de usar esses medicamentos sendo que a grande maioria administravam no mesmo horário, no entanto apenas um pouco mais da metade das acadêmicas não relataram esquecimento de tomar nenhum comprimido da cartela. Além do esquecimento ou da pontualidade na administração dos CO sabe-se que o estado de saúde da usuária, como por exemplo, vômito e diarreia influenciam na efetividade do medicamento (BRASIL, 2013a).

Em um estudo com estudantes ingressantes de uma universidade pública de São Paulo de áreas da saúde, exatas e humanas observou-se que 70,4% acreditavam que as mulheres não precisavam utilizar um método de barreira até o próximo ciclo menstrual caso tenham tido algum quadro de diarreia ou vômitos por mais de 24 horas (ALVES, et al., 2008). No presente estudo observaram-se dados parecidos, principalmente com as alunas dos primeiros períodos. Fato preocupante, visto que vômitos e diarreias são sintomas comuns de diversas enfermidades que podem acometer a todo instante essas jovens e gerar um possível gravidez indesejada.

Já quando questionadas sobre se o CO causa dificuldades para engravidar, grande parte das alunas da saúde acertaram a resposta

dizendo que não, no entanto em um trabalho verificou-se dados semelhantes, onde 70,3% das estudantes de enfermagem e medicina entrevistadas disseram que a mulher que usa CO por muito tempo ficava protegida de uma gravidez quando parava de tomá-lo (SEABRA et al., 2012).

Ao serem questionadas sobre o efeito colateral de ganhar peso, os cursos possuíam um conhecimento semelhantes sobre a questão. Sabe-se que essa afirmação não passa de um mito, mas que, no entanto ainda é aderido pela sociedade muitas vezes pela pouca informação sobre tal assunto, como relata (TORRES, MOREIRA, 2005 citado por PATIAS, et al., 2012). Embora neste estudo tiveram relatos de evento adverso ao CO com relação ao aumento de peso.

No que diz respeito à segurança do uso dos CO, percebeu que as alunas possuíam uma boa qualidade de vida, já que sabe-se que não é recomendado o uso de CO para pessoas com diabetes mellitus, insuficiência renal, presença ou história de processos trombóticos/tromboembólicos entre outros (BRASIL, 2013a). Além disso, o uso do cigarro pode levar a problemas cardíacos graves quando associados ao uso de CO (LEMOS et al., 2011). Também pode citar os acidentes vasculares cerebrais que estão diretamente relacionados a hipertensão arterial e possui como fator de risco significativo o uso de anticoncepcional oral a base de estrogênios (POLLOCK, WILMORE, 1993 citado por ROSA et al., 2006).

Todas as áreas apresentaram baixa confiança no CO. No entanto, o uso deste deve ser feito de forma correta e quando isso é seguido a taxa de gravidez chega a mínimos 0,5 a 1,0 por 100 mulheres/ano de risco (CHROUSOS et al., 2003 citado por SANTOS et al., 2006).

Quanto às possíveis reações adversas oriundas do uso do CO, sintomas relatados em bulas de medicamentos, que traz náuseas e enxaquecas como reações adversas frequentes (BRASIL, 2013a).

O CO mais utilizado pelas estudantes foi Diane® 35, que em janeiro de 2013 foi citado em um informe da agência de

CONCLUSÃO

Conclui-se não houve uma diferença considerável entre as diferentes áreas e nem entre os períodos. Apesar das universitárias apresentarem melhores condições de vivenciar a sexualidade de forma mais segura e sem riscos a sua saúde, o segmento mais escolarizado também se depara com inconsistências no uso de métodos contraceptivos.

Por isso a graduação deve ter ações voltadas não apenas para finalidades teóricas, mas também através de atividades educativas extracurriculares voltadas para a saúde da

REFERÊNCIAS

ALVES, A. S.; LOPES, M. H. B. M. Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula e preservativo entre adolescentes universitários.

medicamentos francesa (ANSM – Agence Nationale de Sécurité du Médicament et des Produits de Santé), alertando sobre os casos citados a partir da base de farmacovigilância, em que quatro mortes foram devido a trombose venosa relacionada com Diane® 35. No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária responsável pela fiscalização dos medicamentos informou que na bula do medicamento em questão já possuía informações sobre a contraindicação do uso por mulheres com históricos trombóticos, infarto do miocárdio, acidente vascular cerebral entre outros (BRASIL, 2013b).

mulher independente da área. Mas em especial para área de saúde, uma vez que estes necessitam de informações sobre o assunto já que os profissionais de saúde devem estar preparados para lidar com mitos e conceitos errados sobre a utilização dos métodos anticoncepcionais.

AGRADECIMENTO

Ao PROBIC/UNIFAL-MG pelo apoio a pesquisa. Aos membros do Centro de Farmacovigilância da UNIFAL-MG (CEFAL) pela colaboração na pesquisa.

Revista Brasileira de Enfermagem, v. 61, n. 1, p. 11-17, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n1/02.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2013.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. Bulário Eletrônico. YAZ® Bayer S.A.2013a. Disponível em:http://www.anvisa.gov.br/fila_bula/frmVisualizarBula.asp?pNuTransacao=2903862013&pIdAnexo=1571724. Acesso em: 27 mai. 2013.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. Informe SNVS/Anvisa/Nuvig/GFARM nº 01, de 29 de janeiro de 2013b. Disponível em:http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/95bd54804e5c8bdc930adfd762e8a5ec/Informe_Diane35_29012013.pdf?MOD=AJPERES. Acesso em: 27 mai. 2013.

DUARTE, H. H.; BASTOS, G. A. N.; CORLETA, H. E. Utilização de métodos contraceptivos por adolescentes do sexo feminino da Comunidade Restinga e Extremo Sul. **Rev Paul Pediatr**, v. 29, n. 4, p. 572-576, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpp/v29n4/16.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2013.

FRANCO, B. M.; ÉBOLI, E.; FREIRE, F. Brasileira inicia a vida sexual mais cedo, tem mais acesso a contraceptivos e menos filhos. **Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS)**, 2008. Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/mat/2008/07/03/pnds_brasileira_inicia_vida_sexual_mais_cedo_tem_mais_acesso_contraceptivos_menos_filhos-547081065.asp. Acesso em: 20 abril 2013.

LEMOS, E. R. L.; MOURA, E. R. F.; GUEDES, T. G.; NOGUEIRA, P. S. F.; SOUZA, C. B. J. Uso de métodos anticoncepcionais por mulheres assistidas em área distrital e fatores determinantes. **Revista de APS**, v. 14, n. 4, p. 417-423, 2011. Disponível em: <http://www.aps.ufjf.br/index.php/aps/article/viewFile/1187/553>. Acesso em: 27 mai. 2013.

Martins, L. B. M.; Costa-Paiva, L.; Osis, M. J. D.; Sousa, M. D.; Pinto Neto, A. M.; Tadini, V. Conhecimento sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes. **Rev Saúde Pública**, v. 40, n. 1, p. 57-64, 2006.

NUCCI, M. Seria a pílula anticoncepcional uma droga de “estilo de vida”? Ensaio sobre o atual processo de medicalização da sexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n. 10, p. 124-139, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872012000400006&script=sci_arttext. Acesso em: 27 mai. 2013.

PATIAS, N. D.; JAGER, M. E.; FIORIN, P. C.; DIAS, A. C. G. GESTAÇÕES NA ADOLESCÊNCIA: MULTIPLICIDADE DE EXPERIÊNCIAS EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DE SANTA MARIA/RS. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 9, n. 1, p. 260-277, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2012v9n1p260>. Acesso em: 27 mai. 2013.

PENAFORTE, M. C. L. F.; SILVA, L. R.; ESTEVES, A. P. V. S.; SILVA, R. F.; SANTOS, I. M. M.; SILVA, M. D. B. Conhecimento, uso e escolha dos métodos contraceptivos por um grupo de mulheres de uma Unidade Básica de Saúde em Teresópolis, RJ. **Cogitare Enfermagem**, v. 15, n. 1, p. 124-130, 2010. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/17183/11318>. Acesso em: 27 mai. 2013.

ROSA, C. M.; COUTINHO, K. S.; DOMINGUES, M. F. MOURA, D. S. A prevalência de acidente vascular cerebral (AVC) no pós-operatório de revascularização do miocárdio. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 19, n. 1, p. 25-34, 2006. Disponível em: <http://ojs.unifor.br/index.php/RBPS/article/view/957>. Acesso em: 27 mai. 2003.

SANTOS, M. V.; LOYOLA, G. S. I.; MORAES, M. L. C.; LOPES, C. L. A eficácia dos contraceptivos orais associados ao uso de antibióticos. **Rev. Ciênc. Méd.**, v. 15, n. 2, p. 143-149, 2006. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.i.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&>

nextAction=lnk&exprSearch=467817&index
Search=ID. Acesso em: 27 mai. 2013.

SEABRA, L. O.; NERY, I. S.; MOREIRA, F.
H. B.; ROCHA, J. S.; GONÇALVES, L. R.
R. Conhecimento sobre métodos
contraceptivos por universitários da área de
saúde. João Pessoa. Anais do 17º Encontro
Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste
de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e
Relações de Gênero, 15 p., 2012. Disponível
em:<http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/328>. Acesso
em: 27 mai. 2013.

TRUSSELL J.; VAUGHAN, B. Contraceptive
failure, method-related discontinuation and
resumption of use: results from the 1995
National Survey of Family Growth. **Fam Plann
Perspect**, vol. 31, n. 2, p.64-72, 1999.

